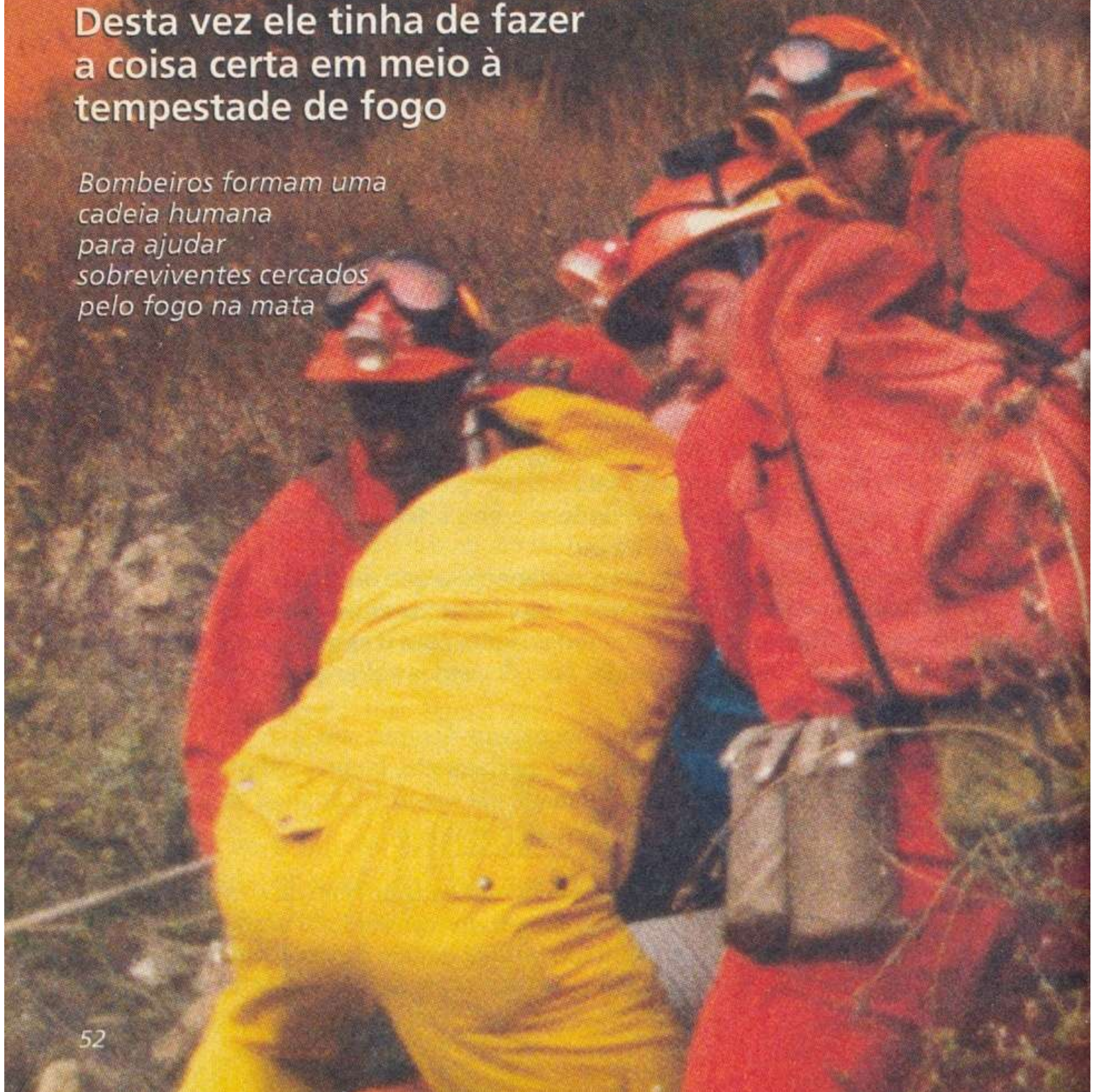


A segunda chance de um homem

MICHAEL BOWKER

Desta vez ele tinha de fazer a coisa certa em meio à tempestade de fogo

Bombeiros formam uma cadeia humana para ajudar sobreviventes cercados pelo fogo na mata





DRAMA DA VIDA REAL

CYNTHIA SALISBURY caminhava pelo gramado, de onde avistava o brilho do Oceano Pacífico, lá embaixo. As manhãs eram tranquilas em sua casa de Malibu, na Califórnia. O canto dos pássaros enchia de graça o ambiente mas, neste dia, notara algo estranho. Uma brisa quente e forte fazia com que as árvores se inclinassem. Os pássaros estavam em silêncio.

Cynthia ficou apreensiva. Os noticiários daquela manhã – 2 de novembro de 1993 – mencionaram incêndios ao norte e ao leste da

floresta. Porém ela imaginou que aconteciam a quilômetros de distância de sua casa, situada no topo de um platô. Mas, agora já podia ver nuvens de fumaça preta ao longe. Nos 16 anos que essa mulher de 50 anos, divorciada, mãe de três filhos, viveu ali, o fogo-fátuo – inflamação espontânea de gases emanados de pântanos – sempre foi fenômeno comum. Contudo, o platô, até então, servira de barreira natural contra o avanço de chamas potencialmente ameaçadoras.

Voltando a casa, Cynthia olhou pela janela para seu filho de 25

FOTO © DAVID SPRAGUE/LOS ANGELES DAILY NEWS

anos, Teddy. Ele geralmente trabalhava em restaurantes *fast-food* pela manhã. Porém, preocupado com os incêndios, voltou mais cedo para estar com a mãe.

Ela relembrou o dia em que soube que Teddy era portador da Síndrome de Down. Seu obstetra foi solidário, mas um médico com menos compaixão, pouco tempo depois, sugeriu que ela internasse Teddy em um asilo para deficientes. Cynthia ficou horrorizada. Amava o filho e sabia que estaria sempre ao seu lado.

Teddy a esperava quando ela entrou em casa. O ruído ensurdecedor dos helicópteros, que voavam muito baixo monitorando o incêndio, assustara-o.

– O fogo não vai machucar os cachorros, não é mamãe? – perguntou.

Cynthia sabia que a preocupação de Teddy com os animais de estimação encobria os próprios medos.

Quando ele voltou a assistir à televisão, Cynthia saiu de casa com a filha Elizabeth, de 22 anos, e o amigo Jason.

– Talvez Jason e eu devêssemos subir o pico para verificar como está o fogo – sugeriu Elizabeth.

Do outro lado da rua, “o pico” era um dos pontos mais altos do platô, de onde se poderia ver o andamento do incêndio.

– Boa idéia! – exclamou Cynthia.

Enquanto observava a filha distanciar-se, sorriu. Elizabeth era tão calma e segura. Cynthia tinha orgulho dos filhos. No decorrer dos anos, aprenderam a depender deles próprios e a tomar conta uns dos outros – sobretudo de Teddy. Cynthia notou que sua família poderia suportar quase tudo.

De qualquer forma, não havia nada com que se preocupar. Não tinham recebido nenhuma ordem oficial de evacuação.

AMENOS de 1.500 metros dali, Ken Benedict sentou-se na parte de trás de um ônibus do Departamento de Proteção Florestal da Califórnia. Observou, impaciente, as nuvens de fumaça surgirem ao leste, em direção ao norte. O tráfego na rodovia Pacific Coast fora paralisado. Sentia muito calor em seu uniforme laranja de bombeiro. Passou a palma da mão suada pelos cabelos louros. Não havia nada o que fazer além de sentar e pensar.

Aos 23 anos, deveria estar entrando no apogeu da vida, mas passou os últimos 16 meses em prisões da Califórnia por algo estúpido que fizera quando tinha apenas 22.

Os pais de Benedict divorciaram-se quando ele estava com 9 anos. Embora criado por um pai muito presente e um avô substituto rigoroso, cresceu fazendo o que queria. Fumou o primeiro cigarro de maconha aos 15 anos e a partir dali se envolveu com o mundo das drogas. Depois de comprar de um policial disfarçado toda a parafernália para a fabricação de drogas, Benedict foi preso e condenado a cinco anos. Teria de cumprir pelo menos a metade da pena, pois assim determinava a lei da Califórnia.

Durante os primeiros meses, Benedict caiu em profunda depressão. *O que estou fazendo?*, pensou. *O que vou fazer da minha vida?*, perguntava-se. Aos poucos, tornou-se uma pessoa

determinada a agir sempre da melhor forma que pudesse. Começou a frequentar a igreja do presídio e foi incumbido de trabalhar nos computadores da instituição.

Por bom comportamento, Benedict foi transferido para uma prisão de segurança mínima, fora de São Francisco, parte de um programa estatal que dava aos prisioneiros não violentos a chance de aprender o ofício de bombeiro.

Percebia que estava fazendo algo que valia a pena. Sentia-se, ainda, deprimido por estar desperdiçando quase três anos na prisão. Mas, para começar vida nova, sabia que seria necessário pagar pelos erros que cometera.

De forma súbita, seus pensamentos voltaram ao presente. Olhando para cima, Benedict viu o fogo alto movendo-se em direção a uma montanha, onde havia muitas casas.

– Nós deveríamos ajudar em outro local – disse a Martinez.

– O fogo já atingiu a estrada para o norte – o capitão respondeu. – Não podemos ir a lugar nenhum.

CYNTHIA SALISBURY não podia demonstrar medo, mas achava que desta vez o fogo estava mais próximo de sua casa do que jamais estivera. Nervoso, Teddy olhava para ela a toda hora. Para acalmá-lo, dizia: “Vai ficar tudo bem.”

À medida que o céu se escurecia de cinzas, Cynthia começou a acender as luzes da casa. Logo depois das três da tarde, enquanto assistiam ao noticiário, a tela da televisão ficou preta e as luzes piscaram. Um calafrio percorreu

seu corpo quando olhou para Teddy. De repente, Elizabeth e Jason surgiram na porta dos fundos. “Mãe, o fogo está do outro lado da rua”, gritou Elizabeth. “Temos que sair daqui agora!”

KEN BENEDICT sentiu-se inútil sentado nos degraus do ônibus, esperando ordens. Uma série de comandos estáticos foram emitidos pelo rádio do capitão Martinez.

O caminhão estava parado há mais de uma hora. Como o restante da equipe, Benedict estava louco para ajudar. Era jovem e forte. Trabalhar como bombeiro deu-lhe a oportunidade de sair da prisão e fazer exercícios físicos. Mas, muito além disso, sentia que ao apagar incêndios desempenhava uma função positiva, prestando auxílio de alguma forma. Por um instante, pelo menos, esse pensamento aquietou sua amarga autocrítica sobre estar desperdiçando a vida.

ATERRORIZADA, Cynthia saiu de casa e olhou para as chamas que já dominavam a montanha. “Rápido!”, gritou, enquanto Teddy se jogava dentro do carro, e Elizabeth e Jason entravam rapidamente em outro. As árvores e a mata ao redor das casas vizinhas já pegavam fogo. Com Cynthia liderando, os dois carros desceram em alta velocidade a Las Flores Mesa Drive, única estrada existente para sair daquele local.

“Ficaremos bem quando chegarmos à auto-estrada”, disse Cynthia a Teddy. De repente, pisou com força nos freios.

Um dos vizinhos estava vindo na direção contrária. O motorista, com o rosto branco de medo, diminuiu a velocidade e gritou pela janela. “O fogo já atingiu o desfiladeiro e está bloqueando a estrada! Estamos cercados!”

Cynthia apoiou as mãos trêmulas no volante. Atrás dela, saía fumaça das casas que começavam a queimar. Virando o carro bruscamente, acelerou com violência. Os pneus cantavam no asfalto, enquanto ela e a filha corriam em direção ao sul, para um pequeno beco sem saída. O céu agora estava negro de fumaça, e pequenas cinzas voavam pelo ar.

Cynthia entrou em pânico por uns momentos. *Isso não pode estar acontecendo!* Porém ela sabia que tinha de ficar calma e pensar. Encontravam-se na ponta sul do platô. Podiam ver a Pacific Coast Highway e o oceano, a 60 metros abaixo. *Será que não conseguiríamos descer este penhasco?*, pensou.

Elizabeth pareceu ler os pensamentos da mãe. “Eu costumava descer aqui quando era criança”, disse. “Acho que conseguiremos.” *Mas, e Teddy?*, Cynthia se perguntava.

Atrás deles, uma casa explodiu em chamas. “Vamos!”, Cynthia berrou. Com Teddy a seu lado, seguiu Elizabeth e Jason pelo enorme desfiladeiro. O vento estava tão forte que precisaram se posicionar de modo a usá-lo a seu favor.

“Fiquem juntos!”, Cynthia gritou. Entre a espessa fumaça e o mato era quase impossível ver aonde estavam indo. Foram forçados a descer de costas, lutando contra o mato fechado.

De repente, Cynthia perdeu o equi-

líbrio e rolou pelo matagal. Tentando defender-se dos arbustos, acabou cortando braços e pernas. Por fim, parou ofegante sobre uma enorme videira. Agachada, estava frente a frente com um precipício de 45 metros.

BEM ABAIXO, o capitão Mansur ajudava dois homens a molhar o telhado de sua casa quando um deles gritou: “Tem alguém preso lá em cima. Estou vendo gente naquela encosta!”

Ken Benedict acompanhou o olhar de Mansur até quase o topo do penhasco. Viu pessoas abrindo caminho em meio ao matagal. O fogo estava bem atrás deles. *Meu Deus!*, Benedict sussurrou.

Mansur voltou correndo até o local onde se encontrava a equipe. Um homem deu-lhe uma corda que pegou no caminhão. Enquanto Mansur corria em direção ao penhasco, Martinez gritou: “Vamos!”

Benedict e Mansur subiram até uma pequena saliência, semelhante a uma prateleira, no penhasco. Os primeiros 30 metros eram bem íngremes, porém Mansur calculou que esse era o melhor caminho. Agarrando-se em protuberâncias com as pontas dos dedos, conseguiram apoio e subiram parte da encosta. Os outros membros da equipe se juntaram a eles.

A alguns metros acima, o terreno continuava íngreme. Mas, entalhada pela erosão, Mansur viu no penhasco uma fenda de aproximadamente um metro, no meio do mato. A rachadura estreita era o único caminho, mas também funcionaria como uma cha-

miné natural. Os homens não teriam chance se o fogo os alcançasse na fenda, mas era a maneira de salvar aquelas pessoas.

Benedict e o restante da equipe perceberam que Mansur estava tomando uma decisão difícil. Todos se encontrariam em perigo. Mesmo assim, nenhum homem hesitou em subir em direção ao topo do penhasco.

Com uma corda de nylon amarrada na cintura, Mansur escalou, com perseverança, até estar a seis metros do cume da encosta. Escutou o grito de Martinez: “Você está sem corda!” Olhou para cima. Os últimos seis metros tinham de ser escalados para que o resgate pudesse ser feito. Antes que tivesse tempo para pedir voluntários, Benedict passou rapidamente por ele. No mesmo instante, alguns internos o seguiram.

Olhando para baixo, Benedict viu que Martinez organizara os homens de modo que cada um ficasse a um metro e meio de distância do outro. Se fossem capazes de encontrar as vítimas a tempo, poderiam descer apoiando-se na corrente humana. Não havia tempo para pensar, já podia sentir o calor selvagem do fogo.

Quando Elizabeth e Jason apareceram na beira do precipício, um dos membros da equipe gritou:

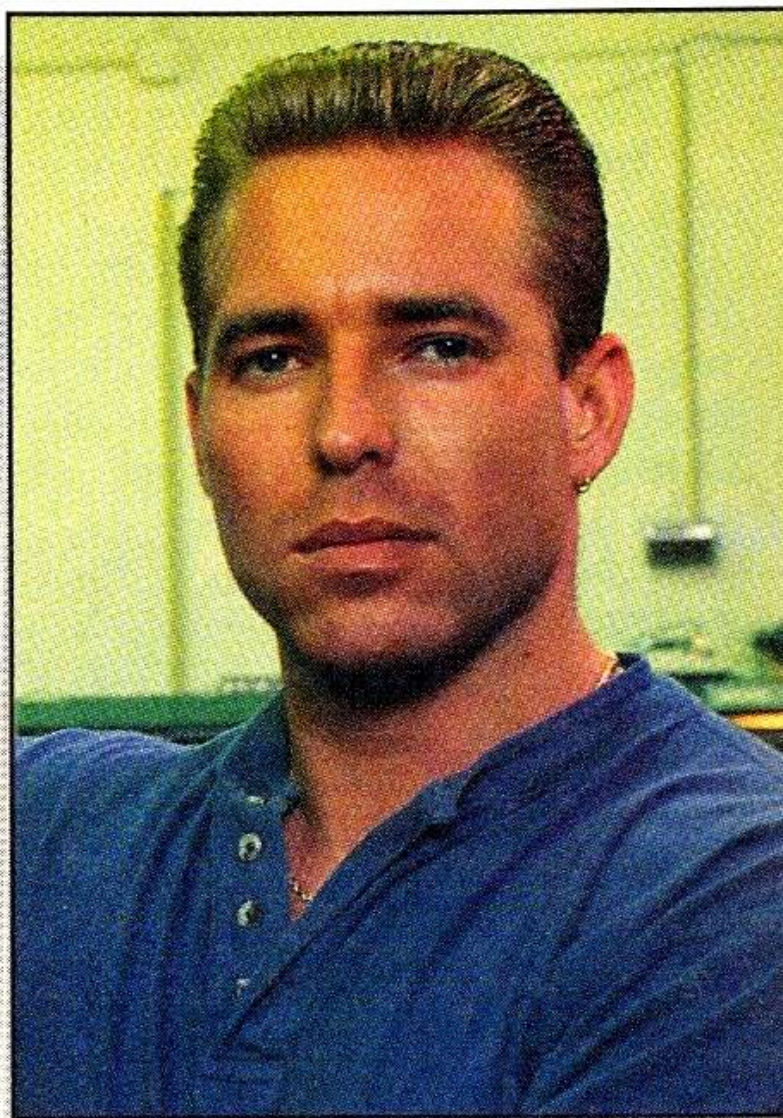
– São só vocês dois?

– Não! Minha mãe e meu irmão estão aqui em cima! – Elizabeth gritou. – Você tem que pegá-los!

O fogo agora lambia com violência a encosta, com labaredas de mais de 20 metros de altura. Brasas caíam próximas aos homens. Benedict sabia que

só tinham um minuto antes que Mansur os mandasse descer. Com a equipe lá em baixo, a mulher e o filho tinham pouquíssimas chances.

Cynthia virou-se para o local em que Teddy estava minutos antes, mas a



Ken Benedict resolveu ir em frente mesmo arriscando a vida

fumaça ficara tão espessa que não pôde ver além de um metro e meio.

“Teddy!”, gritou contra a cortina de fogo. Seus olhos procuraram freneticamente pelo matagal. *Tenha fé*, disse a si mesma, já perdendo o fôlego. *Deus não nos traria até o meio do caminho e nos abandonaria.*

De súbito, um homem surgiu no meio dos arbustos em sua frente. Cynthia olhou para ele, com medo nos

olhos. “Meu filho está ali atrás”, disse. “Ele é deficiente. Por favor, temos que encontrá-lo.”

Ken Benedict assentiu com um movimento de cabeça, enquanto ela se movia em direção à beira do penhasco.

– Desça agora! – Mansur gritou quando viu Benedict. – O fogo já está em cima de nós!

– Tem mais um – Benedict gritou de volta.

Havia fogo a apenas alguns metros de distância e o matagal estalava por causa do calor escaldante. Era a última oportunidade de salvamento. Mas não havia outra atitude a tomar. Tinha que tentar salvar o filho da mulher.

– Não se preocupe, senhora – Benedict gritou. – Não voltarei sem seu filho.

E sumiu em meio ao fogo e à fumaça.

MANSUR subiu para ajudar Cynthia, porém ela manteve os olhos fixos no penhasco. De repente, Ken Benedict rompeu pelas chamas, a face enegrecida, roupas esfumaçadas. Teddy encontrava-se a seu lado.

Mansur esperou até que Cynthia e Teddy estivessem descendo pela corda e gritou: “Venham! Venham! Venham!”. Mansur, Benedict e outros membros da equipe desceram correndo, esquivando-se das brasas. Quando chegaram ao pé do penhasco, toda a encosta explodiu em chamas.

Benedict correu para o ônibus, respirando com dificuldade. Virou-se e olhou, incrédulo, para o fogo. Em seguida, procurou ao redor e viu a mulher e o filho serem levados, em segurança, por um carro de polícia. Sabia que o destino lhes tinha oferecido sua mão generosa.

Cinco meses depois, em 30 de março de 1994, Cynthia, Elizabeth e Teddy Salisbury viajaram para o Delta Conservation Camp para assistir a uma cerimônia de homenagem àquela que os havia salvado. Antes, porém, Cynthia foi apresentada a um jovem interno, muito tímido, a quem reconheceu imediatamente. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Abraçou Ken Benedict, e disse-lhe: “Você salvou meu filho. Você foi a resposta às minhas preces.”

As dúvidas remanescentes sobre seu futuro começaram a dissipar-se. Pela primeira vez, Benedict podia olhar para frente com esperança. *Se tudo não tivesse acontecido da forma como aconteceu, eu não estaria lá para salvar a vida de Teddy, pensou. Agora, talvez possa continuar minha vida.*

Depois de ser libertado, em maio de 1994, Ken Benedict foi trabalhar como operador de computadores de uma empresa em Sacramento. Benedict aproveitou ao máximo a segunda chance. Em 1996, foi escolhido o Funcionário do Ano.



SEGUNDO O ESCRITOR Daniel Pennac: “A rede foi inventada para você sonhar com projetos e lhe dar o pretexto para não realizá-los.” Ecrivains, França